

CARDOSO

o excelente defesa
do SPORTING

(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 52 / 1 de Dezembro de 1943

COM a publicação do Regulamento da Direcção Geral de Desportos fixaram-se novas directrizes para a organização federativa em Portugal. Tem havido por isso, nos termos da própria lei, um período de adaptação das federações às novas directrizes referidas. E essa adaptação não se limita às modificações a introduzir no funcionamento da sede — atinge também a própria designação, como no caso da União Velocipédica, e abrange, ainda, os órgãos de descentralização que correspondem à divisão regional do país. Criou-se um tipo uniforme para todas as federações. E definiu-se melhor a hierarquia federativa, quanto aos seus diversos graus de acção em cada desporto.

A adaptação destas linhas gerais a cada federação, ou a cada desporto, não vai sendo a mesma. Surgem, assim, diversas fórmulas para as mesmas dificuldades. Não há dúvida de que é de aceitar o tipo de uma sub federação (associação) para cada núcleo regional. Mas não há também dúvida de que nem todos os núcleos regionais dispõem de suficientes recursos, em possibilidades de escolha de dirigentes, para corresponderem ao princípio descentralizador de uma associação para cada ramo de desporto.

Estudado certamente o problema, em várias federações ou para vários desportos, vão aparecendo soluções que traduzem fórmulas diversas. A Federação Portuguesa de Futebol tem associações regionais, por distritos administrativos. Com a de atletismo dá-se o mesmo. A Federação de Natações tem associações por núcleos, contando, por exemplo, duas associações no distrito de Coimbra (a da cidade universitária e a da Figueira da Foz). O «boxing» tem uma associação em Lisboa e outra no Porto. A Federação de Ciclismo assentou em organizar uma associação para cada grande região — Lisboa, para o sul do país, e Porto, para o norte). E em Coimbra, mudado o nome de Confederação, há uma associação que superintende em vários desportos — naqueles sem actividade local bastante para justificar a existência de uma associação em separado.

A uniformidade na estrutura ou orgânica das associações regionais pode e deve trazer benefícios de muita ordem. Convém, contudo, assentar no conceito de «região», para que se saiba se, por este termo, se deve compreender o distrito, a província, ou qualquer zona de influência ou expansão. E julgamos que deve escolher-se o tipo de federação local que melhor se adapte ao país — por cada ramo de desporto, por grupos de desporto com afinidades entre si, ou um sistema misto que comporte as duas coisas. Para nós, affigura-se-nos que o sistema misto por distrito deve constituir a norma mais aconselhável.

MÁRIO DE OLIVEIRA

COM o cerimonial do costume, teve lugar, há dias, a inauguração do novo ano lectivo do Instituto Nacional de Educação Física. É mais um ano de trabalho na preparação de professoras de Educação Física e de monitores de desporto. É uma obra quasi silenciosa, que apenas de ano a ano estabelece contacto com o grande público — mas que é das mais proveitosas. Registros, por isso, com muito prazer, o progresso do Instituto Nacional da Educação Física.

Na sessão inaugural do novo ano falou o dr. Leal de Oliveira, illustra sub-director do I. N. E. F. O seu discurso foi magnifico — de oportunidade e de conselhos. A história do que já se fez, e a indicação da sua utilidade na formação de agentes cuja obra pertence, cumulativamente — segundo se expressou — ao Lar, à Escola e à Força Armada, no país, constituiu, na verdade, um excelente trabalho de explanação das vantagens que resultam da Educação Física.

UM novo campo de jogos, quando vem satisfazer as necessidades de expansão de um clube, ou seja quando se destina a aproveitamento imediato, constitui sempre uma obra de grande utilidade para o desporto. É, pois, digna de registro a construção de um novo campo de futebol em O iras, pela empresa Fundação e Construção Mecânicas, com sede naquela vila.

O novo campo deve ter sido inaugurado, no último domingo, com um jogo do campeonato da Promoção da Associação da Futebol de Lisboa — entre o O iras Futebol Clube e o Sport União Sintrens.

O nosso prezado colega «Diário de Notícias», no reclamo para o festival de natações que se realizou na piscina do Estoril, na penúltima semana, disse, mais de uma vez, que a referida piscina era a única do país em que podem realizar-se provas de inverno. Sem qualquer ideia de desprimor para aquele nosso colega, parece-nos exagerada a sua afirmação, para não dizermos injusta, visto que existe outra piscina em que, durante anos successivos, se disputaram provas e se fez, metódicamente, a preparação técnica de muitos nadadores: a piscina pequena do Sport Alga e Dafundo.

A piscina de inverno do Alga não passa de um tanque — com vestiários apropriados. Mas tem permitido e permite a realização de provas. Tem sido útil ao Alga. E tem sido também aproveitada por outros clubes.

SE causa satisfação o aparelhamento de um novo campo de jogos desportivos, provoca tristeza o desaproveitamento ou abandono de qualquer outro. Mas a tristeza é maior quando se trata de um campo que tem história no respectivo núcleo desportivo — quando a sua perda vem prejudicar a actividade de algum clube.

Este comentário rápido é motivado pelo que o nosso prezado colega «O Sinal» diz que se está passando em Santarém. O estádio «Alfredo de Aguiar» onde se disputaram alguns jogos de desempate para o campeonato de Portugal do futebol e que é ou foi propriedade do Sport Clube Santarém — está sendo utilizado como depósito para estrume! E os clubes de Santarém não podem, por isso, utilizar o rectângulo de futebol do único estádio cittadino.

É apenas isto... E basta — como comentário.

ANO XI — Lisboa, 1 de Dezembro de 1943 — H SÉRIE-N.º 52

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

MANUEL Soeiro, o valoroso avançado, que depois de brilhar no Barreiro alinhou no Sporting Clube de Portugal e fez parte da equipe representativa do país, vai abandonar o desporto de competição — nam jogo marcado para o dia em que sai este número da «Sidiuus».

A idade não perdê — e Soeiro tem de ceder o lugar aos novos. E a triste lei da vida — no desporto. Mas Manuel Soeiro deixa, no futebol nacional, um nome que o honra e que pode recordar com orgulho — o nome de um jogador que soube lutar sempre com entusiasmo, não fugindo nunca a queimar as suas energias — nas defesas do clube ou na defesa do nome do país! Para Manuel Soeiro são as nossas melhores homenagens — no momento da sua despedida.

A rivalidade desportiva é um estímulo — e pode ser um desgaste... Tudo depende da conta em que a mantêm os do campo em que se manifesta. No ano passado, a rivalidade entre o Unidos do Barreiro e o Barreirense chegou a ser um caso aberto... O último jogo entre os ditas clubes, no campo do Unidos, provocou grande expectativa e exigiu apreciáveis medidas de defesa. Com essa luta lucrrou o Vitória, que não pôde, aliás, ganhar o campeonato. Não beneficiou, directamente, com o resultado. Mas lucrrou em coesão — e em confiança.

A coesão é o segredo de muito triunfo. E a rivalidade excessiva é o motivo de muita derrota.

VEIO em boa altura o triunfo obtido pelo Vitória de Setúbal no seu campeonato distrital. Vellia ao plano dos primeiros clubes nacionais do popular futebol. Podemos até dizer que regressou ao seu passado. Foi um dos melhores clubes do seu tempo — de um tempo que vem de há trinta e três anos. Realta, pois, a tradição. E o facto coincide com a comemoração do mais um aniversário.

O Vitória é, pois, um clube duplamente em festa. Aos parabéns por mais um aniversário, juntamos as nossas felicitações pelo triunfo.

PRINCIPIOU já a disputar-se mais outro campeonato infantil de ténis de mesa da época de 1943-1943, organizado pela Associação de Lisboa. Tem cinco inscrições — e é disputado em duas voltas. A prática do desporto por infantia é sempre vantajosa para qualquer modalidade. Corresponde ao período em que a aprendizagem é mais fácil e pode provocar maior entusiasmo.

Ao lado do Benfica e do Sporting, alinham o Alentejo, o Intendente e o Internacional. É uma mistura curiosa — entre grandes clubes e clubes modestos. Mas todos se equivalem — quando praticam o desporto com entusiasmo e nobreza.

ENCONTRA-SE assente em definitivo, e foi já autorizada oficialmente, a realização do dois decafnis de futebol entre as seleções de Lisboa e Sevilha. O primeiro deve ter lugar em 9 de Abril — e o segundo está marcado para duas semanas depois. Um é disputado em Lisboa, efectuando-se o outro na linda capital andaluz. Falta apenas escolher a cidade onde se faz o primeiro jogo.

O seleccionador para a equipa lisboense será Salvador do Carmo. Já está, pois, tudo em marcha. E convém não perder tempo — para o aproveitar depois em treinos de conjunto, sempre necessários, especialmente quando se volta aos jogos internacionais.

COMEÇOU o campeonato de Portugal do futebol, para os clubes da primeira divisão. É a maior e mais importante prova — no desporto mais popular. São dezoito domingos, cerca de quatro meses e meio de luta porfiada para a conquista de um titulo que eduz todos os grandes clubes.

Começa a luta nos campos — e principia o período dos prognósticos e das contas... Semana a semana, há muito quem faça um balanço da jornada que findou — e do que se pode esperar das jornadas que faltam. É um período de trabalho — e de sofrimento... E só há compensação para quem ganha!

A evolução das regras do bilhar

III

por JOÃO MARIA

Foi no dia 14 de Abril de 1880, em França, no histórico encontro internacional realizado na sala Valentim. Defrontavam-se o americano Slosson e o francês Maurice Vignaux. Depois de ter dado seis voltas completas ao bilhar, conduzindo magistralmente a série americana e sem uma única colagem que obrigasse à reposição das bolas nas marcas, Vignaux havia totalizado o espantoso número de 1.530 carambolas! A admiração pela magnífica «performance» foi geral e funda. Mas, ao mesmo tempo, todos anulam em que tão largas séries, fazendo perder ao jogo toda a emoção, despertavam invencível aborrecimento.

Propôs-se, então, cortar os cantos do bilhar, riscando sobre a mesa, a giz e em cada canto, um traço que, indo de uma a outra tabela, formasse com estas um triângulo. E como, uma vez entradas nesse triângulo as bolas 2 e 3, uma delas teria de sair ao segundo golpe, obtinha-se uma zona triangular praticamente interdita a qualquer género de série, mas que visava sobretudo a dificultar a viragem de tabela para tabela, mantendo as bolas dispostas para continuar a «americana». De início, os catetos desses triângulos mediam 14 centímetros (14<14), com saída obrigatória ao terceiro golpe e não ao segundo. Advirte-se o leitor menos inteirado das coisas do bilhar, de que se convencionou chamar bola 1 àquela que recebe a tacada; bola 2 àquela sobre a qual se joga, independentemente de ser a bola branca, a preta ou a encarnada; e bola 3 àquela sobre a qual se conclui a carambola.

O recurso do canto cortado a 14<14 não resolveu, porém, o problema, e logo se alviou que o corte se fizesse a 33<72 (36 centímetros medidos na tabela pequena e 72 na tabela grande), o que ampliava consideravelmente a zona interdita e, portanto, as dificuldades da viragem.

A medida foi radical. As séries retraíram-se, passando a oscilar entre números aceitáveis: 200 a 400 carambolas. Do mesmo passo, a execução das viragens ganhava variedade, pois cada jogador estudava e acabava por forjar o seu processo, com vistas à maior rapidez, simplicidade e segurança. Mas as ideias de Craveleusa não haviam cessado, entretanto, de conquistar adeptos. O «quadro» não podia deixar de impor-se, mais tarde ou mais cedo. E assim foi que, depois de 1833, a «Brunswick», famosa casa americana de artigos de bilhar, promoveu a realização do primeiro campeonato do Mundo ao quadro de 20 centímetros. Em breve dominadas pelas «ases» da carambola as dificuldades da tal género de jogo, decorrido ano e meio, passou-se ao quadro de 35. Todavia, Vignaux, Schaefer e Slosson logravam atingir as 400 carambolas em série, o que fez com que, em 1896, se passasse ao quadro de 45, modalidade ainda hoje em vigor.

Em 1933, Farroux, o inimigo n.º 1 da «americana», depondo em primeiro lugar num inquérito sobre a remodelação das regras do bilhar, aberto nas colunas de revista «Le Billard Sportif», condena abertamente toda a modalidade de jogo capaz de facilitar as grandes séries, as séries astronómicas, não porque menosprezasse a técnica e o mérito dos bilharistas que as cultivam, mas com o pensamento de que o bilhar ganhasse, nas dificuldades crescentes da arte de «fabricar» carambolas, o prestígio necessário à atmosfera de interesse dos campeonatos — numa palavra, com o propósito de, obrigando a enriquecer-se a técnica bilharística e tornando mais contingente a vitória em cada partida, manter viva a paixão do público pelo espectáculo das grandes competições.

Farroux insurge-se contra a admissão de jogo livre no rectângulo central, no quadro de 45. Como nasceu a «série da linha»

Farroux começa, nesse inquérito, por insurgir-se contra o facto, que lhe parece incoerente, de que tendo se criado o quadro de

Uma série de 1530 carambolas do francês Vignaux, em 1880, levou ao «corte» dos cantos do bilhar

45/2 sob a influência da necessidade de «matar» a série americana, se tivesse reservado para o rectângulo central a liberdade de fazer jogo livre. Numerosos jogadores, os profissionais em primeiro lugar, deitaram-se ao estudo da modalidade, na mira, é claro, de encontrar processo que dominasse as dificuldades emergentes do quadro e viabilizasse o rendimento máximo. E conseguiram-no, ultrapassando a série de 400.

Ainda e sempre com o objectivo de conservar o interesse espectacular do jogo e de impedir que um dos adversários, mais feliz mas não só por isso mais forte do que o outro, conclua a partida de uma só série, decidiu-se impor o quadro de 45 a 1 golpe. Na opinião qualificada do notável bilharista e dirigente francês, isto constituiu um erro grave. Na vigência do quadro de 45 a 2 golpes, já alguns jogadores, os Dion primeiramente, depois Slosson, Ives e Sutton, se haviam dedicado a estudar sobre a linha uma técnica de série inspirada pela «americana». Desses estudos surgiu a «série da linha», ao presente perfeitamente mecanizada. E por tal caminho se chegou de novo ao erro que tinha provocado a monotonia da «americana». E pergunta, então, Farroux: «Onde a justificação para um regulamento que exige determinado preceito de jogo para oito compartimentos do bilhar, e outro, diferente, para o 9.º compartimento? Eis uma coisa bem de molde a surpreender quem quer que presenciando um encontro se dê conta da estranha anomalia! A verdadeira medida a que os dirigentes devem recorrer, actualmente, é a de exigir para o rectângulo central, como se exige para os outros, a observância da regra «Etrou» e «Dentros». A regra única, portanto».

E continua assim a exposição do seu pensamento: «Presentemente, a possibilidade de jogar três, quatro golpes, mesmo suavemente, com as bolas reunidas no compartimento central, dá ao jogador ensejo para preparar e fabricar a série da linha. Pode éle, desse modo, creditar-se de longas séries, mas é certo que o não admiramos mais por esse facto, pois que não dá nenhum testemunho da inteira posse do jogo».

Com efeito, o jogador do quadro de 45/2, especializado na confecção da série da linha, pode compensar-se amplamente de um menor domínio nas outras «nuanças» técnicas da modalidade.

«No entanto (é Farroux que volta a falar), como os encontros se disputam em partidas curtas—400 carambolas para os profissionais e 300 para os amadores, é imperioso dever tornar o mais possível improvável uma série igual ao número de carambolas exigido pela partida. Pense-se, por exemplo, numa partida livre, com pequenos cantos, disputada por dois bons especialistas, sejam, para o caso, Albert e Butron. Admirar-se-ia alguém de ver ao fim, no quadro anunciador: Albert, 500—Butron, 0 ou Butron, 500—Albert, 0? Não; não pode subsistir qualquer dúvida! Há que reclamar o quadro integral, quer dizer: regra única, a observar, portanto, em todos os compartimentos da mesa. De começo, pelo menos, as séries demasiado extensas sofrerão um rude golpe. O jogo largo, interessando frequentemente toda a área verde da mesa grande, exigirá ao jogador mais ciência, mais inteligência e mais real conhecimento do jogo, que a aplicação automática de um método mecanizado. O prodígio espanhol Butron pode perfeitamente bater Conti na partida livre. Gabriels, o poderoso belga, pode vencer Conti ao quadro de 45/2. Quem, todavia, será bastante ousado para afirmar que um ou outro desses dois amadores se aproxima, sequer, da classe do fenomenal Conti? Tais formas de jogo são, na verdade, más». E Farroux conclue deste modo: «Não

De conta própria Unidade e compreensão

PARA a colectividade poder viver em ritmo de progresso é indispensável haver unidade. Unidade de pontos de vista, unidade de esforços, unidade de comando e unidade no acatamento das vezes desse comando.

Paz, pressupõe progresso. Dentro dela, os homens entendem-se, e se porventura surgem divergências — devem ser norteadas por superior espírito de procura da concordância.

Discutir não envolve idéias imediatas de rompimento; pensar de forma diferente, é capítulo também admitido no código da Humanidade. Se todos tivéssemos os mesmos gostos, as mesmas predilecções, opiniões idênticas — que pobre seria o Mundo... É na heterogeneidade de caracteres que se funda, a-final, a razão de ser da agitação da vida, o tumultuar permanente de todos os anseios. Por sobre tudo isto, porém, o sentimento do respeito mútuo deve ser sagrado. Olhar sobranceiro para a inteligência alheia não é mais do que reflexo de inferioridade; reconhece-la intimamente, mas epocá-la na exteriorização, eximindo-se aos supremos ditames da consciência, é outra manifestação de espírito abastardado. Se o maior respeito gera os maiores amigos, nele deverá consubstanciar-se a acção do Homem.

A colectividade — ou a sociedade, se preferirem — beneficiará da comunhão de ideais, ou da maneira como esses ideais, quando divergentes, possam apianar-se para a consecução de um fim melhor. Em todos os campos, em todas as actividades, em todos os sectores.

Não se julgue que pretendemos impor um dogma ou endireitar o Mundo, pisando o escorregadio terreno da fantasia. Seria estultícia... As linhas que ficam acima trazem simplesmente uma satisfação e um voto.

Satisfação em face de um acontecimento recente: a maneira verdadeiramente notável como o Sporting solucionou o seu problema e se prepara para encerrar os casos vindouros — exemplo magnífico de unidade e compreensão, trazendo sangue e energias novas para aperfeiçoar o que de bom já existe. Voto, para que, quantos vivam momentos conturbados, como os ag r extintos no clube dos «leões», possam, seguindo trajectórias de respeito mútuo, achar a plataforma necessária — onde todos caibam, de mãos dadas, a trabalhar com entusiasmo e fé — para um Destino de aperfeiçoamento!

D. L. M.

Ciclo-turismo no Lisboa Ginnásio

A secção de ciclo-turismo do activo Lisboa Ginnásio promove hoje de manhã o primeiro grande passeio inter-sócios, talhado num admirável percurso, com partida às 9 horas prefixas da sede daquele clube.

queremos certezas, o conhecimento antecipado de quem será o vencedor. Queremos ver triunfar o jogador mais completo e mais sabedor».

As alterações preconizadas pelo talentoso dirigente francês são as seguintes:

— Para a partida livre, os grandes cantos de 36<72 com saída imposta ao terceiro golpe (já se jogou assim em 1907-1908).

— Para o jogo ao quadro de 45, o rectângulo de meio subordinado à mesma regra e tabelado para os outros compartimentos: saída ao segundo golpe.

Rectificação necessária — No último artigo, atribuímos a Conti o ter-se assenhorado da técnica da «americana» na própria partida em que essa série lhe era revelada, num campeonato disputado na América do Norte. Não está certo. O facto é verdadeiro, mas de outrem a paternidade. A Maurice Vignaux, também francês, pertence a singular proeza. O informe veio-nos errado da fonte e a advertência do erro de um aviso amigo. Apressamo-nos a fazer a rectificação devida. É verdade que o lapso cometido em nada afecta o substancial destas crónicas — mas a Cesar o que é de Cesar... De mais, tantas são as feições bilharísticas que impõem Conti à profunda admiração de quanto cultivam o jogo da carambola, que bem desnecessário se torna acrescentar-lhes o rol, mesmo sem intencional propósito, com outras de diferente autoria...

No CENTRO ESPECIALIZADO de ESGRIMA da Mocidade PORTUGUESA



Em plena actividade



Mestre Campos de Andrada dá uma lição

INDEPENDENTEMENTE do seu alto significado, a «Organização Nacional da Mocidade Portuguesa» representa uma das mais notáveis obras levadas a cabo, entre nós, em prol da educação física e do desporto. A grande actividade que tem desenvolvido — da qual se colhem admiráveis frutos — não pôde ainda atingir aquêlê expoente que os seus orientadores se esforçam por conseguir. O nosso feito de meridionalistas, com todas as qualidades e todos os defeitos que o caracterizam, aparenta como que certa propensão para rotina prejudicial — que a disciplina e, digamos, a educação proporcionada pela «Mocidade», combatem sem desfalecimentos, com o supremo objectivo de atingir o aprumo e a força de vontade dos espíritos fortes.

Integrada no conjunto geral da actividade desportiva, a «Mocidade» criou e mantém a sua secção de esgrima, constituída por Centros Especializados distribuídos pelo país. Destacam-se entre elles os de Lisboa e Porto — particularmente o da capital, a que vamos fazer referência.

Não há palavras que traduzam com verdadeiro sentido de propriedade o extraordinário alcance de que se reveste a acção dos dirigentes da M. P. Portugal tem nobilíssimas tradições no belo e salutar desporto das armas e dispôs há anos do conjunto mais homogêneo que se apresentava nas grandes competições internacionais, formado por esgrimistas de grande classe. Rodaram os tempos, a dedicação e o fervor diminuíam — e o problema da esgrima portuguesa apresenta-se hoje em condições tais que require cuidado estudo, a par de muito trabalho. Continuamos a possuir, felizmente, um escol de mestres de valor e reputação, que não sofrem no confronto com os melhores do estrangeiro. Mantemos inalteráveis as qualidades que caracterizam os portugueses na prática da esgrima, mostrando a mesma intuição e a mesma facilidade de assimilar a técnica e os segredos da ciência das armas. Mas... o ardor e o entusiasmo dos atiradores de outros tempos desapareceu — salvo dignificantes excepções.

Destas, as melhores têm-se verificado precisamente entre os brmosos rapazes da «Mocidade». Há alguns anos que elles honram os seus dedicados mestres, trabalhando cheios de vontade, classificando-se auspiciosamente e aproveitando de forma magistral a única oportunidade que se lhes ofereceu para elevarem o nome da esgrima nacional — no encontro com as equipas da «Jeunesse Française».

É de recordar sempre com certa emoção esse dia magnífico para os simpáticos esgrimistas da «Mocidade».

O Centro Especializado de Esgrima de Lisboa tem vivido em condições verdadeiramente deficientes. Instalado primeiro no casarão do velho liceu do Carras, com amplitude mas sem as condições técnicas e higiénicas de exigir no disciplinado desporto que cultiva, passou depois, com o mesmo aspecto de deficiência, para as dependências do reconstruído-palácio dos Almadas que dão directamente para a arada de Santo António. As condições de ar e luz eram péssimas e a parte ligada à higiene não existia.

Ao sublinhar, com o merecido relevo, o trabalho do Centro, temos tido várias ocasiões de afirmar a enorme vontade e dedicação dos mestres e alunos que resignadamente exerciam a sua bela actividade em tão precárias circunstâncias. Mas, finalmente, a esperança de melhores dias — e de melhores elementos materiais de trabalho... — materializou-se há pouco, com a inauguração da «Casa da Mocidade», instalada no magnífico edifício do Quelhas. Visitamo-la há dias, com o particular interesse que nos merece todas as actividades da «Mocidade». Conforta o espirito percorrer as óptimas instalações de que passam a dispor os jovens desportistas e delicia ver o agradável espelho da piscina — que será aquecida dentro de pouco tempo, a vastidão do ginásio e os excelentes balneários que vão ser utilizados. Falta completar o conjunto com o arranjo dos diversos recintos para os desportos ao ar livre — mas tudo está em via de preparação, com os necessários meios materiais já atribuídos.

Lá fica também a funcionar o Centro Especializado de Esgrima. Se o local que lhe foi destinado, na galeria que circunda o ginásio, não tem ainda a superfície e o isolamento requeridos para a prática do jogo de armas, pois mestres e discípulos serão de certo modo prejudicados no seu labor pelos inevitáveis ruídos das classes de ginástica que trabalham no amplo salão a seus pés — não há dúvida que se deu um largo passo em frente em relação a tudo quanto possuía até agora...

A dedicação e competência de mestres como Campos Andrada, Mário de Figueiredo, Hercúlio do Pimentel, Brazil Ramos Dias e Martins Correia, e a mesma ininterrupta actividade, continuam a prestar à esgrima nacional o concurso e os serviços que tanto a beneficiaram ultimamente. Por outro lado, a frequência é animadora. Se nem todos os mais categorizados animadores da M. P. podem, por enquanto, apreciar com a solididade que os distingue e lhes deu ao a resultados por vezes brilhantes, o número de inscritos é elevado e o gosto dos rapazes reflete o entusiasmo de que estão possuídos. Isto significa que o Centro Especializado de Esgrima da «Mocidade» se prepara para prosseguir na obra que assumiu e sua actividade nos últimos anos: fornecer aos torneios de três armas o mesmo contingente num uso de praticantes, a exhibir-se com elegância técnica e perfeito aprumo de verdadeiros desportistas, e garantir-lhes as condições de êxito que estas vezes se perderam sem o seu bom concurso.

Mantemos radicada no nosso espirito a impressão de que a «Mocidade Portuguesa», nesta faceta da sua actividade, poderá ser a sucessora do E. E. F. E. Oxalá o futuro nos prove que e não necessária «Escola Nacional de Esgrima» — a escola destinada a fazer os mestres de amanhã, que não sabemos onde ir recrutar — esta obra da M. P., a organização nacional que muito quer à esgrima e pode contribuir para a elevar de novo nos seus tempos áureos!





A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA

Jogadores que estão disputando, no salão da "Brasileira", o Torneio de Qualificação, de bilhar, na modalidade por tabelas. Da esquerda para a direita: Cunha e Costa, dr. Oliveira Jardim, tenente coronel Moraes Pinto, Rudolfo Bogonha, Fernando Sarzedas, Alvaro de Carvalho, Francisco Branquinho e António Sarzedas



As equipas infantis de ténis de mesa do Ateneu e do Benfica



Mirita Casimiro e Vaseo Santana dão a partida, do Porto, aos ciclistas que efectuarão a volta a Portugal em "taí lem"



Na distribuição de prémios da Associação de Atletismo, em cuja mesa de honra se encontra o nosso director, sr. dr. Guilhermino de Matos (x).

A tendência do futebol português é para o equilíbrio de forças?

Apreciando os 5 desafios, o jogo e os jogadores. Louvores e reparos

Comentários por TAVARES DA SILVA

SE as jornadas que se seguem não desmentirem a 1.ª jornada desta Primeira Divisão do Campeonato Nacional — estamos em presença de uma competição brilhantíssima destinada a influenciar superiormente os destinos do futebol português.

Dados os números cinco vezes acasalados e o equilíbrio das forças em presença tal como no passado domingo se apresentaram, a mais valiosa conclusão a tirar é de que, modernamente, não sucede como no passado, isto é, o bolo não será repartido apenas por dois ou três concorrentes, mas, tudo leva a crer, numa partilha mais ampla.

Quere dizer, ainda há pouco tempo havia em Portugal três clubes — às vezes quatro — que desempenhavam o papel de algozes, e todos os outros não passavam de vítimas. É evidente que a superioridade de uns tanto se mantém agora, mas o número das vítimas previamente destinadas sofreu grande redução. Cada clube vai gostando cada vez menos de figurar de inocente, e em consequência disto a superioridade, no papel, dos grupos em maior destaque, sofre desgastes na prática. Não há dúvidas. Seja qual for que vença o campeonato nacional de 43-44, é natural que seja um dos poucos que mantém o primado, não há dúvida de que a prova lhe destina os maiores sacrificios e muitos ossos. A evolução está a dar-se no bom sentido.

A lei da vitória em casa, tida como grande verdade, não tendo sido destruída na primeira jornada, sofreu, no entanto, limitações que em muito a afectam. Quere-nos parecer que, além da particular disposição dos clubes, de momento, contribui para semelhante estado de coisas a circunstância de se rodar agora a missão do árbitro de todas as condições de bom e imparcial julgamento. O público cada vez pesa menos no ânimo do juiz de campo...

Pondo de lado o que se passou na Tapadinha, reflexo de duas forças de muito diferente valor, o sucedido nos outros terrenos apresenta-se sintomático. O Belenense não venceu na sua casa. Por outro lado, tanto a vitória do Pôrto como do representante de Guimarães foram conquistadas por uma mesga — à tangente de um ponto. E não nos venham com o argumento de que as vitórias têm a mesma exposição prática, seja qual for a sua latitude. Isso é verdade, mas para o julgamento futebolístico não nos parece indiferente que um onze ganhe sómente por uma bola e em toada de equilíbrio, ou por muitas bolas e em desnível de futebol. A Académica e o Olanhense foram dignos vencidos — mas iguais aos vencedores. Por sua vez, o Vitória de Setúbal, em sua casa, não ganhou. Mas chegou ao empate. Já é alguma coisa. De vagar se vai ao longe.

Costuma dizer-se, receando o futuro, e prevendo para o futuro, que não surgem novos valores no nosso futebol, forças capazes de continuar a força, se não aumentando-a, pelo menos não a diminuindo. É justo, por consequência, esta referência às estrelas ou aos valores desconhecidos que, por afirmação de qualidades ou por circunstâncias ocasionais, aparecem salpicando os teams, dando-lhe porventura a nota da renovação.

Em Lisboa, no Belenense, Sporting e Atlético não há nomes a apontar na faceta em referência. No Benfica já não sucede o mesmo: aos novos Guia Costa e Jacinto deve juntar-se o nome de João Silva, médio-centro da reserva, vindo de Vila Franca, porque Brito, o interior, já era conhecido, e ainda porque aquele se apresenta com mérito acima da média.

A leitura da linha do Pôrto é a mais difícil, dando-nos mais surpresas do que as outras: o irmão de Soares dos Reis nas redés; Camilo, vindo de Espinho, na defesa; Maíato, de Viana, a médio-centro; e na frente dois valores já pro-

messas na época passada, Lourenço e Araújo. Da Académica há também alguns nomes que não estamos costumados a pronunciar. O mesmo acontecendo no Vitória de Setúbal. Tornando este balanço geral tão completo quanto possível, devemos afirmar que os teams do Vitória de Guimarães e do Olanhense são sensivelmente os mesmos do último ano.

A vontade do Sporting e a arte de Belenenses. Dois valores iguais!

Há velhos ginnastas que, devido à sua idade, há muito se retiraram do convívio do trspésio, das argolas e das barras, mas que uma vez por outra — para matar sãdades — aparecem pelos ginnásios, e, despindo com simplicidade o casaco, mostram aos mais novos e em forma do que são capazes, e do que conseguiriam ainda, se treinassem convenientemente.

Não sabemos bem porquê, isto lembrou-nos a propósito da partida das Salésias, em que foi visível o esforço do Sporting no sentido de mostrar que ainda não é com duas cantigas que o grupo — quando quere ou quando em vela — se deixa bater.

Como procedeu o Sporting? Pode jogar-se melhor, mas é difícil mais vontade, magnífica qualidade que o conjunto leonino revelou em todo o desafio, do princípio ao fim, na perseguição da bola, na vigiância do adversário e no aproveitamento do jogo. Sem dúvida, esta faceta constituiu a mais grata surpresa para o comentador tão costumado já a verificar o desapêgo sportingista, curvando a cabeça na maré de a erguer.

O Sporting não podia opôr, obtendo bons resultados, o rendimento ao rendimento, a elegância à elegância, fantasia à fantasia. Não só porque os seus homens não são suficientemente hábeis no domínio da bola, para o efeito, mas também porque, nesse estilo, ninguém dominará por agora o Belenense. Nestas condições, o Sporting deu-se a estreito jogo de marcação, dificultando na medida das suas possibilidades a construção da rede de desenhos do seu antagonista e progredindo no terreno com o *passo de utilidade*, inferior como espectáculo, principalmente para olhos pouco aguçados.

O Belenense não deixou comprometida a sua finíssima escola de jogo, em que a bola é dirigida pelo efeito do contacto suave e com o esgueirar do jogador, qual gazela, riscando no terreno arabescos e figuras que parecem traçadas à mão por artista desenhador de ornatos. Nem se poderá dizer, como de outras vezes, que os avançados não shootaram às redés, pois a verdade é que o fizeram muitas vezes — tantas e tantas — as suficientes para a grandesa do guarda redés português n.º surgir em todo o esplendor.

Para os dois teams serem diferentes, desde a sua constituição física à aplicação prática dos sistemas (de resto, estas coisas andam tão ligadas que muito difícil se nos afigura separá-las), o Belenense pôs sempre a bola sobre a relva, como convém a um futebol que necessita de precisão nos seus movimentos, ao passo que o Sporting traçou os seus golpes quasi sempre com a bola no ar, o que é sinal de jogo de destruição, definição que não exclui inteiramente a ideia de construção.

Salvador, Simões e Feliciano, vistos em conjunto, não merecem nota brilhante. O guarda redés esteve, no entanto, seguro e mais sereno do que habitualmente. Simões viu-se e desejou-se com o extremo à sua guarda, e Feliciano não conseguiu dominar o centro-avancado que lhe competia, na luta de marcação. Amaro foi o melhor belenense, perfeito em todos os seus movimentos e intenções, suprindo mesmo deficiências do centro Varela, Serafim, activo. Na linha da frente, três homens jogaram dentro da sua bitola: Fr. N'kim, Eloi e José Pedro. Quaresma, habilidoso, revelou mais

uma vez o defeito da fraquesa física numa linha que mais que nenhuma outra precisava do centro ariete ou cunha, uma lâmina cortante.

Azvedo conseguiu dar-nos surpresas sobre surpresas, domingo a domingo. Quando a gente julga que ele fez a sua melhor exibição — vem logo outra ainda melhor. Sempre no sítio da boa colocação, com a maior agilidade e o melhor golpe de vista. O seu repertório de defesas não tem fim. É como aquelas caixinhas dos ilusionistas...

Cardoso e M. Marques foram o que pode dizer-se um par ligado, completo na posição no terreno e conjugação de esforços. Canário, Paciência e Nogueira, embora manifestamente esgotados no último período do encontro — tinham boas razões para isso — deram ao jogo a necessária medida física e a nota da vontade. Peyroteo, vingou-se, em parte, da derrota em tempos sofrida no duelo havido com Feliciano, estando, além disso, acertado e diligente. Renasce? Albano foi a um tempo rápido, preciso e perigoso, assim como Ferreira se mostrou consciente e construtivo. Daniel absolveu-se de todos os erros com um goal da sua famosa lavra. A. Marques merece, porventura, a média mais fraca; contudo, não desanimadora.

O Pôrto ganhou, com o seu grupo em renovação. Mas a Académica impressionou.

O Pôrto conta novos jogadores. A sua linha é uma criação moderna. O que isto tem de inconvenientes — já todos o sabem, e o próprio treinador Hertzka. Trata-se de um team, possivelmente, mais para o futuro do que para o presente. Na primeira prova o grupo não desiludiu.

De resto, o team tem forçosamente de buscar uma fórmula de futebol rápido e preciso, mais em habilidade do que em força (modelo ataque belenense), porque, frágil como é, fisicamente, o seu conjunto não suporta o corpo-a-corpo a toda a hora. O sistema de marcação que se adivinha no Pôrto, precisamente igual ao do Sporting (médio-esquerdo atrasado, cobrindo o ponta) será o valor conveniente para jogadores que não podem consentir que o cilindro do corpo-a-corpo passe sobre eles?

Não temos dúvidas também em dizer que a linha do Pôrto ainda não está definitivamente fixada, havendo dúvidas a desfazer. Prova-o, entre outros indícios, o alinhamento Lourenço-Gomes da Costa, e depois Lourenço-Araújo, bem melhor, certamente, tendo em vista o pé direito defeituoso do conhecido Gomes da Costa.

A Académica impressionou muito agradavelmente. Os portugueses aguardavam fácil tarefa, mas tiveram ocasião de verificar que os estudantes de Coimbra, à sua maneira aguerrida, não são presa fácil, nem no terreno dos outros, quanto mais em sua casa, como decerto se verá pelo torneio adiante.

O seu jogo, no que diz respeito à colocação, meios de ataque e de defesa, carece de ser mais vezes posto à prova para se definir. No entanto, pode desde já afirmar-se que as qualidades de energia, vigor, dureza, a par do conhecimento mediano do jogo e sua mecânica, não desapareceram do team. Pelo contrário, afirmam-se cada vez mais fortemente. A defesa deu boa conta do seu recado. Os avançados contrários sentiram, muitas vezes e em muitas ocasiões, o valor da sua decisão e rapidez.

Pelo contrário, a linha média de Coimbra, com deficiente colocação, deu a sensação de andar um pouco à deriva. A ser verdade isto, que nos vem de boa fonte, é para essa célula que deverão encaminhar-se os cuidados do treinador.

Porque a linha da frente, mescla de jogadores de experiência e de novidades, tem categoria. Em princípio, e por causas mais de ordem física do que de outro género, está indicada a colocação de Lemos, um dos jogadores mais inteligentes que pisam campos portugueses, na extremidade, nunca no centro, nem que o centro tenha de ser um recurso. Caso provável de Joaquim João.

O brilho da actuação do Vitória. As atenuantes do Benfica

Não é diminuir o triunfo que constituiu, sem sombra de dúvida, o empate do Vitória. Mas o Benfica, pela força das circunstâncias, apresen-

to-se nos Arcos nas condições mais propícias para o adversário se impôr, conseguindo o resultado de honra. Isto é, sem o par titular dos defesas, sem dois dos três médios costumados, sendo um deles o médio-centro e ainda com um interior de recurso, na falta de Júlio.

Sabia perfeitamente o Benfica de que iria enfrentar um grupo em ânsia de justificar o seu brilhante passado, pela actuação e comportamento no presente. Não podia haver, como se viu, engano sobre o caso. O Vitória portou-se como grupo de gente nova, coração ao pé da boca e sangue na guerra, impulsiva e entusiástica, qualidades que suprem, numa ou noutra emergência, o estudo reflectivo do *association* e a sua aplicação.

Dando a côr própria à partida de Setúbal, importa afirmar que Jaime se magoou, pouco mais ou menos a meio do primeiro tempo. Assim, a equipa do Benfica, já incompleta quanto a titulares, fornecendo um jogo irregular, ainda se tornou mais incerta, resultando a confusão nos lances e movimentos. E, verdade seja, valeu ao Benfica a falta de remate do Vitória. Caso contrário, os setubalenses iriam além do empate.

O Vitória parece razoavelmente apetrechado. O clube entrou com o pé direito e pela vida fora do torneio pode afinar o conjunto, aperfeiçoando-se no debate das grandes causas. Os dois defesas são sólidos, batendo bem a bola. Figueiredo representa, no conjunto, um valor a ter em conta. Passos e Nunes, o ponta direita e o meia esquerda, são jogadores de bom domínio e iniciativa.

No Benfica, Martins realizou um dos melhores trabalhos da sua vida, completo sob todos os pontos de vista. Na defesa distinguem-se César. O novo médio-centro, João Silva, com-eguiu despertar a atenção de todos. Bom exame. E na frente, como vem sucedendo, Teixeira distinguu-se.

Na Tapadinha — o resultado mais desnivelado. Resultado e jogo...

O sub-campeão do Pôrto — segundo opinião unânime — traz para a prova pouco valor. Se isso não importa, de momento, interessa ao futuro, porque o grupo representa a 2.ª região futebolística do país. Da sua exhibição — é possível que o bloco se ajeite melhor em futuras digressões — nada ficou senão a afirmação de um guarda-rédes de razoável categoria (Peixoto).

Pouco mais do que isto o Salgueiros deixou na sua primeira visita, podendo no entanto citar-se alguns dos seus lances na organização da defesa — porque o ataque quasi não existiu.

O jogo da Tapadinha apresenta-se, portanto, com acentuada característica de ataque por parte do Atlético — uma das revelações lisboetas — e manifestamente num plano de defesa por parte dos portuenses.

Porisso mesmo o Atlético não conseguiu desenvolver o futebol que seria lícito exigir-lhe, dadas as premissas postas na discussão. O *team* não mostrou aquela definida coesão de outras exhibições, jogando como que quebrado no ataque, em muitas ocasiões, e com falta de ligação de médios com avançados, ou vice-versa. Quere dizer, a *união das 11 unidades*, aquilo que tem sido o mérito do Atlético, parece afectada. E dizemos *parece* porque, a verdade, é que se o adversário era fraco, permitindo o desenvolvimento sereno da jogada, também por outro lado essa facilidade convidava à falta de atenção no lance e à despreocupação na movimentação. Ha que dar tempo ao tempo.

O médio centro do Atlético (Gregório) voltou a ser o elemento mais destacado. Chegou a sua hora.

Um venceu (Vitória de Guimarães), outro convenceu (Oihanense)

Em face do Vitória de Guimarães-Oihanense há que fazer uma referência que, recaído perfeitamente nestes dois grupos, se poderá aplicar a todos aqueles que, disputando torneios de nível futebolístico inferior (embora em progresso) participam de um domingo para o outro numa prova mais ampla e mais elevada, sob todos os aspectos. A sua acomodação a esta *prova mais ampla* é um pouco morosa, e daí a consequência dos grupos darem uma ideia que pode não corresponder à realidade.

Por exemplo, os olhos dos vimaranenses não gostaram no domingo da primeira jornada

Outros torneios de futebol

Campeonatos da A. F. L.

Os desafios da 12.ª e anti-penditima jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. forneceram os seguintes resultados:

F. Benfica-Estoril.....	2-4
Casa Pia A. C.-Operário.....	2-1
Marvilense-S. L. Olivais.....	0-2
Sacavense-Chelas.....	1-2

Na primeira volta, respectivamente: 0-0, 1-1, 0-4 e 1-0, o que quer dizer que todas as equipas tiraram partido de jogar em casa, mas escasso partido.

Viu-se que a fuga ao último lugar, que há uma semana passara a ser atractivo valioso da competição, está a ser tentada com entusiasmo. Dois dos concorrentes que estavam na cadeia da classificação abandonaram essa posição — o Casa Pia A. C. e Olivais — deixando para trás o Operário, que baixou de 5.º para 7.º, e o Sacavense — agora, declaradamente, o «lanterna vermelha».

O Estoril Praia obteve, em Benfica, um resultado que não deve ter deixado satisfeitos os seus adeptos. Esperava-se, certamente, maior diferença de «goals» a seu favor, mas não deve esquecer-se que a sorte da luta não esteve sempre pelo seu lado. Os locais logram dois «goals», mais consentidos pelo adversário do que feitos à custa de talento: o primeiro resultou de uma jogada infeliz de Elci e o segundo nasceu de uma grande penalidade. Sirva isto de atenuante para os estorilenses.

O Olivais merece as honras da jornada. Os victoriosos, quasi gerais, foram derrubados e o desfecho da luta quasi constituiu proeza para os visitantes. A vontade firme de fugir ao último lugar ficou claramente demonstrada, pois a energia e o entusiasmo dos seus jogadores

estiveram sempre patentes. E porque os marvilenses se exibiram na mesma toada, o desafio foi agradável.

Os caspianos jogaram o bastante para justificar maior diferença de «goals» a seu favor. Dominaram abertamente até o intervalo e não conseguiram mais do que um «goal». O segundo surgiu tarde, a meio da segunda parte, para acto continuo se voltar à tangente. Mas ganhou o melhor...

O Sacavense voltou a jogar na sua terra, mas isso não influiu no seu rendimento. Os chelenses dominaram e só não atacaram maior diferença de «goals» porque os seus avançados foram pouco decididos a rematar.

O campeonato da III Divisão da A. F. L. principiou no último domingo. O núcleo de Lisboa continua a ter oito equipas: Palmense, Desportivo dos Olivais, Cascaiteira, Espo, Arroios, Desportivo Operário, Picheireira, S. L. Amoreiras e Adad. Os dois últimos em substituição do Cruz Quebrada e Felteira.

No núcleo de Cascais há dois estreantes: o Sintense e o Oeiras F. C.

A primeira jornada forneceu os seguintes resultados: Picheireira-D. Olivais, 1-3; Amadora-Amoreiras, 6-0; Cascaiteira-Palmense, 3-2; Cascais-Bom Sucesso, 2-0; Parede-Carcavelos, 6-1 e Oeiras-Sintense, 0-3.

ZÉ DO PAÍS

DE NORTE A SUL DO PAÍS

A PESAR de haver começado o campeonato nacional, a prova máxima do futebol português, e, por consequência, aquela que mais interessa aos desportistas, nem por isso cessa (ou se interrompe sequer) a actividade dos diferentes agrupados regionais.

Concluídos os torneios principais de apuramento, outras competições se lhes seguem ou continuam, conforme se verifica pelas nossas gerais dadas a seguir:

Para continuação do campeonato de Aveiro (penúltima jornada) disputaram-se desafios em S. João da Madeira, Lamas e Oliveira de Azeméis. Resultados: Sporting de Espinho-Saujoanense, 4-2; União de Lamas-Ovarense, 6-4; Oliveirense-Beira Mar, 7-2.

No Pôrto efectuaram-se vários desafios de campeonato e particulares, sendo os principais entre o Ramaldense e o Vianense (o campeonato da final da Divisão) e entre o Valadare e o Sp. Cruz (apuramento do último classificado no mesmo núcleo). O Ramaldense, triunfando por 1-0, tem possibilidades, com vista ao segundo título da A. F. P.; mas no outro jogo houve empate de 3-3, e logo, mais interesse pela «preluz».

Três «teams» portuenses aproveitaram a ocasião (enquanto não começa a Nacional II Divisão) para irem jogar fora. E foram eles: o Leixões, o B. Viareia e o Desp. Portugal; o primeiro ganhou ao Sporting, em Braga, por 2-1; o segundo empatou, em Barcelos, com o Gil Vicente, por 1-1; e o último foi perder a Viana do Castelo, com o Vianense, por 1-6.

Em Santa Cruz, o Sport, de Coimbra, recebeu o Calhau, campeão da II Divisão... num torneio de dois concorrentes! E ganhou por 1-0.

Um «record» do do Sport de Vila Real. Ganhou pela 2.ª vez consecutiva o título de campeão transmontano: Há certas regiões que têm privilégios — mas, nesta, o caso é diferente... porque parece não haver mais ninguém a disputar o torneio; quando muito, mais um ou dois concorrentes, nenhum deles, porém, capaz de arrebatá-lo ao cepto ao velho Sport. O «record» fica! E o resto são cantigas...

O Alcanense, um clube que figura pela primeira vez nos relatos ou simples notícias de jogos de futebol, ganhou na zona norte da A. F. Santarém. E triunfou como visto, pelo visto, pois no torneio foram parte, entre outros, o União e o Sporting de Tomar, ambos conhecidos do futebol da região. Houra lhe seja. E que isto triunfo lhe sirva de incitamento para o futuro.

S. F. Alunos de Apolo

O 3.º aniversário da sua Secção Desportiva

Têm decorrido com muito entusiasmo as festas comemorativas do 3.º aniversário da secção desportiva da S. F. Alunos de Apolo, cujo programa, repleto de diversos números de carácter desportivo e recreativo e algumas palestras, despertou justificado interesse.

No passado domingo foram vestidas 36 crianças e distribuído ainda um bode a 400 pobres, para o qual recebemos duas senhas destinadas aos nossos protegidos e que agradecemos em nome dos contemplados.

«Sport Lisboa e Benfica»

FÊZ no dia 28 do mês findo um ano que viu pela primeira vez a luz do dia o jornal do Sport Lisboa e Benfica, iniciativa simpática e triunfante de aquele popular clube. Dirigido pelo sr. Dr. Magalhães Godinho e orientado, tecnicamente, pelo nosso amigo e presado camarada de jornalista Rebelo da Silva — um benfiquista da sempre! — o semanário «Sport Lisboa e Benfica», paladino do desporto e porta-voz das actividades do clube, não se tem limitado apenas a fazer propaganda interna, pois a sua acção é mais vasta, procurando interessar os desportistas em geral.

Ao «Sport Lisboa e Benfica», paladino da mesma causa por que terçamos armas, e arauto de uma das mais populares colectividades desportivas do país, os nossos parabéns. E que continue a sua obra salutar e utilíssima, em todos os aspectos, por muitos anos, eis os votos de «Stadium».

O NOSSO ANIVERSÁRIO

COM a publicação do próximo número, entra «Stadium» no seu segundo ano de vida — nesta nova fase da revista. O acontecimento celebrar-se-á com a publicação de um número extraordinário, de 32 páginas proussamente ilustradas.

Nesse número, que vai ser, decerto, aguardado com justificada curiosidade, publicam-se artigos e reportagens da mais flagrante actualidade.

de ver o Vitória, tão costumados como andam a vez outro Vitória. Ora, pondo de lado a atenuante da 2.ª parte, com dois homens magoados — todo o lado direito, a fraca ou deficiente exhibição deve-se portanto ao diferente carácter do jogo.

A critica coincide na apreciação. O Oihanense, em rapidez e jogo de antecipaçào, em resumo, em futebol, mostrou-se superior ao adversário. Nem sequer lhe faltou o remate pronto e forte. Por que não marcou, então? Em parte porque as circunstâncias do jogo não estiveram pelo seu lado, mas também porque o *keeper* do Vitória de Guimarães jogou como há muito não se vê naquela encantadora cidade. O rapaz (Machado) teve a altura da Penha...

Em todo o caso, isto revela a disposição em que se encontra o Oihanense, uma equipa forte, resistente, mesmo com personalidade.

Os números cantam...

A classificação geral começa a viver, com a sua existência seguida com a maior curiosidade... e cada interprete tem a sua cantiga predilecta. Eis-los:

1.º Atlético — 2 pontos (1 vitória, 4-0 em bolas). 2.º Vitória de Guimarães — 2 pontos (1 vitória, 2-1 em bolas). 3.º Pôrto — 2 pontos (1 vitória, 3-2 em bolas). 4.º Belenenses, Benfica, Sporting e Vitória de Setúbal — todos com 1 ponto (1 empate, 1-1 em bolas). 5.º Académica — 0 pontos (1 derrota, e 2-3 em bolas). 6.º Oihanense — 0 pontos (1 derrota e 1-2 em bola). 7.º Salgueiros — 0 pontos (1 derrota e 0-4 em bolas).

Marcadores da jornada: Barros (Carcavelinhos) 2; Catriniana (Carc.) 2; Varela (Bel.) 1; Daniel (Sp.) 1; Lemos (Acad.) 1; Leite (Acad.) 1; Correia Dias (Pôrto), 1; Gomes da Costa (Pôrto) 1; Ferraz (V. Guim.) 1; Miguel (V. Guim.) 1; Salvador (Oihan.) 1; João Silva (Benf.) 1; E. Rodrigues (V. Setúbal) 1. Octaviano marcou um *goal* nas próprias redes.

Os grandes torneios de Futebol

Começou o CAMPEONATO NACIONAL!



BELENENSES-SPORTING: Salvador consegue anular o chute de António Marques. Amaro encarrega-se da guarda de fogoso Peyroteo...



VITÓRIA-BENFICA: Uma das melhores defesas de Martins



BELENENSES-SPORTING: A luta pela bola junto das redes de Belém. Daniel, Amaro e Peyroteo estão em pleno esforço enquanto Varela e Feliciano aguardam os acontecimentos



BELENENSES-SPORTING: Salvador lança-se arrojadamente nos pés de Daniel para evitar um gol que parecia certo!



VITÓRIA-BENFICA: A defesa «encarnada» corta um ataque setubalense, conduzido por F. Rodrigues — o antigo benfiquense que deu o empate ao Vitória, onde agora joga



VITÓRIA-BENFICA: Parece «goal» — mas não foi... Indalecio conseguiu fazer sair a bola por cima da trave perante o desapontamento de M. Costa



BELENENSES-SPORTING: José Pedro numa das suas características estradas, desta vez sobre Manuel Marques

FALA O SALGUEIROS...

«Vamos à primeira divisão nacional por mérito próprio...»

afirmou-nos o sr. eng.º Vidal Pinheiro

A propósito da entrada do Sport Comércio Salgueiros para a 1.ª divisão nacional de futebol, tivemos há dias uma ligeira conversa com o sr. eng.º Vidal Pinheiro, que, depois de ter dirigido os destinos do clube «encarnado» durante uma época, pre- de actualmente à comissão de melhoramentos daquela colectividade.

Foi entre o «Excelsior» e o «Sports» que a cavaleira decorreu, e dela vamos dar, em ligeiros apontamentos, aquilo que mais pode interessar ao leitor curioso.

— O «Salgueiros» ascendeu à 1.ª divisão nacional por mérito próprio — diz o nosso interlocutor — e não porque deva essa subida a favor de qualquer espécie.

E a confirmar, garante: — Depois do F. C. do Porto, o Salgueiros foi o clube mais regular. As suas únicas derrotas foram infligidas pelo campeão; os restantes venceram-no com resultados mais ou menos volumosos.

— Mas nem só de futebol se vive... — argumentamos.

— Claro! E aí está a principal razão do ressurgimento do meu clube. Deixámos de preocupar-nos só com o «desporto-rei». Outras modalidades chamavam a nossa atenção — e entre elas, em grande destaque, o atletismo. Mas a todas as outras queremos movimentar. Dentro de dias teremos a inauguração do nosso campo de «basket-ball», modalidade que deve surgir com certa classe — com aquela, pelo menos, exigida pelo nome do Salgueiros.

— Mas nós queríamos saber mais alguma coisa sobre futebol.

— Possibilidades no toracão máximo? — Necessariamente aquelas compatíveis com as que nos advêm do contacto com grupos com os quais nunca estivemos em relações desportivas dentro dos terrenos de jogo. Haverá, certamente, um certo «atear» nos primeiros jogos, mas, depois, haveremos de fazer algo de jeito. Boa posição na escala? Não sei. Tudo depende... Mas o que lhe posso afirmar é que nem deixaremos mal colocado o nosso nome e o brio da cidade que representamos de parceria com o F. C. do Porto, nem seremos um «mão amigo» do nosso campeão...

— Boa posição na «turma»?

— Sim! Animo, coragem... Fé não falta. Mas, como sabe, na bola tudo é contingente. Entretanto, confio sinceramente nos nossos rapazes. Devem dar-nos plena satisfação.

— Quanto a moral, resistência...

— Moral? Sim, deve tê-la em grau superlativo. Recordemos, por momentos, que só este ano após tanta vicissitude, conseguimos atingir o fim almejado: entrar no campeonato nacional da 1.ª divisão. Portanto, creio que não poderão ter mais «moral» do que nesta época. Quanto a resistência, eu lhe explico: deve ter notado que o grupo, ao concluir qualquer encontro, não dava, este ano, aquela exteriorização de fadiga, como em anos transactos. Sabe porquê? Pela simples razão de todos os jogadores terem sido obrigados a seguir, durante o defeso, um curso de ginástica e preparação atlética, de forma que, ao iniciar-se o campeonato regional, todos estivessem em boas condições físicas.

— Houve reticências da parte dos jogadores?

— Não. Todos cumpriram, do seu melhor, as determinações da direcção.

Como se a conversa tivesse atingido um final lógico, o sr. eng.º Vidal Pinheiro — para quem falar no «seu» Salgueiros é um grau prazer espiritual — afirmou-nos:

— Uma coisa lhe quero dizer. Para já, conseguimos isto: que se falasse, durante todo um ano, no nome do meu clube. Já não é como outrora, em que, após a época do futebol, o

Salgueiros desaparecia das gazetas, esquecido até o ano seguinte. Agora não. Felou-se nele constantemente: a propósito da natação, do atletismo, do «basket-ball», do «hand-ball», do ciclismo, etc.; de todo e de tudo quando seja desporto. Foi essa a intenção que nos levou até à gerência do Salgueiros, há um ano, e continua a ser a que nos anima, a todos, agora na comissão de melhoramentos. O nome do Sport Comércio e Salgueiros há-de ser citado constantemente. Não porque tudo sejam ou possam vir a ser vitórias, mas porque o Salgueiros, desta vez, há-de atingir um grau de elevação tal que chamará sobre ele a atenção do grande público desportivo português.

E, para isso, temos uma grande força e uma grande finalidade: Vontade própria e saber o que queremos.

Demo-nos por satisfeitos. Muito embora a conversa se prolongasse ainda sobre motivos desportivos, mas que ao leitor, genericamente, não interessam — pelo menos, por agora...

Não esgotamos o assunto. Para outra vez diremos mais alguma coisa, porque o sr. eng.º Vidal Pinheiro, prático e positivo, deixou-nos ficar algo para nova oportunidade.

MÁRIO AFONSO

NOTAS... SEM VALOR

TRÊS campeões regionais — dois deles com a situação definida na última etapa do campeonato, no campo da Constituição: Futebol Clube do Porto, honra; Boavista reserva; e Leixões Sport Clube, 2.º categorias. O Leixões Sport Clube foi, do conjunto futebolístico, o mais beneficiado com o empate do Boavista, precisamente na mesma jornada do campo da Constituição.

— Foi um fecho de época «estupendo», pela luta emocionante das duas equipas — Porto e Boavista. Contentou-se o Futebol Clube do Porto apenas com um «título», aliás bem merecido pela regularidade da competição. A sua maior «sombra» — o adversário mais cotado — foi, sem dúvida alguma, o Boavista Futebol Clube, que nos dois jogos «oferou» bem o campeão regional. Não teve a equipa do Boavista Futebol Clube pelo seu lado o factor «chance», nas duas jornadas...

— Calhou ao Salgueiros, o segundo representante da cidade no campeonato nacional, vencer o Leixões, por um resultado mais claro, que não deixou a menor dúvida aos mais «exigentes» do desporto-rei. Bater o Leixões, em «sua própria casa», foi, de facto, uma coisa pouco vulgar neste campeonato...

— Sem aproveitar o «handicap» do Leça, reduzido a nove unidades, o Académico fez um fraco resultado — não soube explorar a fraqueza do seu adversário, um pouco combalido dos «desaires» sofridos no regional.

— O regresso de Mário Perdigão, um atleta «feito no Académico», foi recebido com muito júbilo. Uma das pessoas mais atingidas no «caso» facilitou ao máximo a missão do «juiz-supremo» sempre pronto a trabalhar pelo «seu» Académico. O dirigente agravaado — com atitude nobre, própria da sua categoria — viu apenas uma coisa — o nome do seu clube. Honrou bem a sua personalidade directiva. Mário Perdigão revelou-se, ainda, neste «questão», um desportista de alto mérito.

— Tentam modificar o «sistema» da época passada, com a distribuição em séries dos grupos da 2.ª Divisão no campeonato nacional. Empurram, novamente, para o Porto — cidade, bem entendido — um clube de outra associação muito distante do distrito — o Sport Clube de Vila Real. Para atenuar a «crise» dos clubes

Depois do regional

O F. C. PÓRTO e o SALGUEIROS no campeonato nacional

O valor actual do futebol tripeiro

TERMINOU o campeonato nortenho de futebol, que indicou este ano para o torneio máximo, além do já «crónico» clube da Constituição (a-proposito: aqui está um campo de jogos a pedir passagem à categoria de «reliquias»...) e sempre popular Salgueiros, que vai contracenar, pela primeira vez, com os «grandes» do país numa prova de real valor.

É oportuno, nesta altura, perguntar: tem este ano o F. C. Porto um companheiro à altura dos seus créditos?

Infelizmente para o valor do futebol portuense, parece-nos que a resposta volta a ser, como antes, de carácter negativo.

Continuamos na mesma: o futebol no Porto vive exclusivamente do «team» azul-branco. Em plano inferior, bem destacado, estão os restantes grupos — que formam conjunto de tal forma equilibrado que não se sabe na realidade qual seja o pior...

É com verdadeira mágoa que escrevemos esta verdade, a qual traduz o resumo imparcial das conclusões a que nos levou o último campeonato regional. Pode afirmar-se hoje, sem receio, que o futebol «tripeiro» não progrediu — quando muito, em relação ao pormenor «espectáculo», o público mostrou-se mais interessado — verificando-se que estacionou sob o ponto de vista técnico.

Veja-se, por exemplo, que o F. C. Porto, apesar da crise moral que atravessou e da falta de jogadores como Valongo, Guilha, Zeca, Pereira, Nunes e Gomes da Costa — seis rapazes de merecimento inegável — continua a manter posição de superioridade absoluta, a qual, se é agradável para o clube, não abona o valor do futebol portuense, o que é triste registrar. Na verdade, o nível futebolístico de uma região não pode medir-se por um só clube — e somos assim forçados a concluir que a média da nossa qualidade esta muito por baixo...

Durante bastante tempo ganhou foros de popularidade a afirmação de que o F. C. Porto era superior aos outros porque lhes arrebatava os seus melhores elementos... Hoje, porém, já não é possível dizer o mesmo; no entanto, mantem-se a habitual superioridade.

Não somos «portistas», como poderá parecer a qualquer mal intencionado. Somos, sim, portuenses sinceros, com um só objectivo: o progresso do futebol da nossa terra.

Ora este progresso não se verificará se o F. C. Porto buixar tanto de categoria que vá ombrear com os seus adversários locais. Estes é que devem subir tanto quanto seja necessário para chegar à sua altura... Quando isto se der — o futebol portuense valerá mais alguns «pontos» no panorama futebolístico nacional.

Estas considerações são a síntese da impressão geral deixada pelo último campeonato do Porto. É lógico que delas tire o leitor a ilação de que os «tripeiros» vão continuar a viver o mesmo ambiente de todos os anos: dispõem de um só clube capaz de os representar com certas condições de êxito.

Deixemos dito, todavia, que desta vez se deve depositar um pouco mais de confiança no «segundo», constituído pelos aguerridos salgueiristas. Não pelo seu poder técnico, mas pela sua maneira entusiástica de jogar, capaz de trazer engulhos aos melhores — nos encontros que jogar no seu terreno.

Boa sorte aos clubes portuenses no grande torneio que começou — são os nossos votos!

EDUARDO SOARES

(deslocações a Vila Real) a Federação Portuguesa de Futebol, ao contrário da época passada, contribui com uma importância para fazer face às «saídas» do burgo tripeiro.

— Fez-se um projecto, para ser submetido à apreciação dos representantes dos clubes da 2.ª Divisão, com três séries — A, B e C. Numa delas — de quatro clubes — o Vila Real, de associação diferente, tinha pela «pró» Lei-

(Conclui na pág. 15)

Alguns «knockouts» fulgurantes

O *knockout*, ou «fora-de-combate», abreviadamente designado por K-O, é o mais espectacular dos muitos incidentes que ocorrem durante os combates de sôco.

Dizemos incidentes, em vez de acidentes, pois trata-se de um episódio e não de um desastre, ainda que, nalgumas ocasiões, ambas as coisas se indentifiquem. Tal facto poderá retirar ao jogo do *boxing* muita popularidade e decerto que tem concorrido para o desacreditar, mostrando-o como desporto brutal. Digamos, de passagem, que o pugilismo é algumas vezes desastroso e quasi sempre duro e violento, razão por que deverá ser rodeado de precauções tão rigorosas como preventivas. Mas isso não o torna mais perigoso do que a equitação, a esgrima, o automobilismo, etc.

Muita gente identifica o jogo do sôco com o *knockout* e este, por sua vez, com a brutalidade e violência de certos espectáculos entre profissionais. Outras pessoas, menos ao corrente das regras do pugilismo, julgam que o *knockout* é um golpe misterioso e fatal, aplicado de surpresa.

As vezes, assim parece, com efeito. Embora os *knockouts* bruscos sejam os menos vulgares e os de execução mais brilhante e difficil, o trabalho preparatório é, quasi sempre, demorado e constituído por uma série longa de golpes e de *fitas*.

Na maioria dos casos, porém, obtém-se o *knockout* maçando e minando a resistência do adversário, que tomba frquentes vezes até ficar à mercê do primeiro toque ou empurrão.

Em qualquer das hipóteses, convem esclarecer: o *knockout* é o efeito de uma causa (um ou mais sôcos) ou por outras palavras, a situação ou posição de um jogador depois de fazer na lona do *ring* dez segundos contados a jazer à queda.

A ciência ou arte de vencer bruscamente, quer preparando com manobras adequadas a estocada fulminante, quer aproveitando uma abertura casual que se depara, constitui o *blitzkrieg* do jogo do *ring*.

A técnica consiste em pôr desde logo a artilharia muscular em bateria, ou seja pronta para o tiro — e, por meio de *fitas* ou ataques simulados, obter a descoberta do ponto vital do organismo que se pretende alcançar. Conseguida esta pretensão, só resta disparar o punho e atingir fortemente o alvo.

A exposição do facto é simples; a sua execução porém, é árdua e problemática.

Até hoje o combate mais rápido durou um segundo e meio de luta. Disputou-se no Canadá, em Montreal, no dia 25 de Abril de 1928, entre o judeu londrino Al. Foreman e o americano Ruby Lewine, ganhando o israelita ao primeiro sôco.

O *record* anterior pertencia a Battling Nelson, que foi campeão mundial dos jogadores de peso-leve, entre 1908 e 1910.

Nelson pôs K-O, em 2 segundos, a 5 de Abril de 1902, em Harvey (Illinois), o jogador William Rosser.

Antes d'este resultado sensacional registava-se a vitória de Dal Hawkins sobre Martin Flaherty, em 4 segundos, a 17 de Março de 1897, na cidade de Carson-City.

O primeiro *record* registado remonta a 1896, entre Billy Doherty e Geo Croper em Joannesburgo. O combate durou 5 segundos. Ainda hoje é a luta mais rápida realizada em Africa.

Na Europa, cabe ao francês Dujardin esse mérito, adormecendo Beucher, na sala Wagram, de Paris, em 3 segundos. O *record* anterior pertencia à Inglaterra: Harry Pigeon venceu Billy Cambert, por K-O, em 6 segundos.

Além destes combates ultra-rápidos registamos, ainda, os seguintes:

Al Brown, vencendo Gustave Humery em 3 segundos, em Paris, a 29 de Janeiro de 1920; Edie Murdoch, derrotando Willie Segal em 2 segundos, em S. Francisco, a 3 de Janeiro de 1930. E ainda mais este:

«Whirlpool» Brennan, pôe K-O, em 2 segundos e 3/5. Mervin Mason, a 27-6-927, em Janesville (Wisc). Brilhante cronometragem!

Para terminar esta lista abundante de *blitzkriegs* mencionaremos o combate entre o campeão espanhol Izidoro Gastañaga e Raúl Bianchi, dois famosos pesos pesados. O combate

ATLETISMO

BALANÇO GERAL DA ÉPOCA

V—As corridas de barreiras

por SALAZAR CARREIRA

As provas de barreiras, muito espectaculares e de agrado do público, são em contra partida as mais difficéis, pela severa meticulosidade de técnica e pela complexa exigência de dotes atléticos nos seus praticantes. Estas circunstâncias têm sempre cercado o número dos especialistas portugueses—que este ano mais se resumiu ainda, quasi até ao limite do minimo indispensável para que houvesse competição.

A modalidade viveu da classe dos raros homens experimentados que persistem: Fernando Ferreira, Martins Vieira e António Pereira, e da promessa de poucos novos—António Araújo, Francisco Correia, Faustino Guerreiro—que estão ainda longe de forma necessária aos rigores das distancias clássicas.

O estilo moderno da passagem da barreira, que é condição indispensável para o aproveitamento da velocidade em resultados interessantes, foi trazido por nós para Portugal em 1924—depois dos jogos Olímpicos de Paris—e o seu primeiro executante perfeito foi Palhares Costa, seleccionado quatro anos mais tarde para representar o País em Amsterdão, 9 vezes campeão nacional e cujas marcas atestam a superioridade da técnica sobre a velocidade. Menos rápido do que a maioria dos seus adversários, Palhares ganhava sempre pela perfeita mecânica de passada e passagem económica do obstáculo.

Vem esta referência a propósito para servir de fundamento demonstrativo à necessidade de treino permanente, estudo cuidadoso e aperfeiçoamento físico, para adquirir a ligeireza, elasticidade e automatismo indispensáveis para correr barreiras. Já apontamos em precedentes comentários a comprovada falta de persistência, e repugnância pelos trabalhos duros de levar a cabo, da grande maioria dos atletas portugueses—e isto explica talvez a penúria dos barreiristas nacionais e a pobreza geral dos seus resultados.

A melhor marca da época pertence ao benfiquista Fernando Ferreira, que há dois anos, por ocasião das suas primeiras tentativas, considerámos já como futuro campeão e possível «recordman»; com os seus 15,8 s. do regional de 1943 quasi nos deu completa razão e é de lastimar a sua ausência nos nacionais, onde a excelência da pista—incorporável com o piso do campo do Unidos, que nem para futebol serve...—lhe permitia aproveitar todo o rendimento da sua classe.

As vezes, nunca mais se encontram as ocasiões perdidas.

Muito perto do seu companheiro de clube, classificou-se um veterano da especialidade, dos melhores atletas que têm disseminado sem nexo, obedecendo à tal nefasta ordem da conveniência de conquistar pontos, as suas possibilidades físicas pelos mais variados concursos atléticos: Álvaro Martins Vieira. Foi creditado em 16 s., proeza que assinala o retorno de uma forma perdida durante duas temporadas, por lesão articular que supomos de origem futebolística.

Esta tendência de alguns dos nossos melhores especialistas do atletismo para a prática

disputou-se na Argentina, em fevereiro de 1931, terminando daí a 7 segundos pela vitória do europeu. É o combate mais curto que se conhece entre jogadores de categoria máxima.

Após esta breve incursão no domínio da estatística, resta-nos dizer que a maioria, senão a totalidade dos encontros enunciados, se deve considerar obra do acaso. Por muito hábil e capaz que um jogador seja, realmente, só um golpe de sorte ou a enorme diferença de classe lhe dará a vitória em breves segundos. Mais normal é a vitória por *knockout*, mesmo no primeiro assalto, sobrevivendo depois de preparação que, em regra, leva mais de um minuto a executar.

RAFAEL BARRADAS

do futebol é das muitas anomalias consentidas pela leviandade dos dirigentes clubistas e que pode vir a custar-nos a perda Ingória de valerosos inestituíveis, que nas hostes da bola não passaram de utilidades.

António José Pereira, o terceiro dos veteranos senhores da época, também apareceu tarde e em forma deficiente, porque se demorou em práticas de futebol e *shandball*, as últimas apenas criticáveis pelo que lhe atrasavam a preparação.

Entre este pelotão de campeões feitos e o grupo dos aspirantes prometedores, encontramos uma parelha intermediária que, embora se mantivesse em plano secundário, merece referência directa: constituem-na João Guimarães Marques e Luís Alcide. Ambos são habilidosos e o primeiro pode ser considerado sem favor o mais perfeito estilista do momento; os seus progressos não se notam por motivos diversos. Alcide é especialista doutras provas e apenas se apre na nas barreiras quando é preciso ganhar pontos. Guimarães Marques não tem interesse pelo atletismo, passa a época com meia dúzia de treinos e, como é naturalmente pouco rápido, não consegue obter tempos apreciáveis—que o trabalho intensivo lhe poderia assegurar.

António Araújo foi o melhor das categorias novas e veio a ganhar o campeonato principal na distancia de 400 metros, que parece ser a mais adequada aos seus recursos; tem vontade e fé, qualidades decisivas para vencer.

Francisco Correia, do C. I. F., é um especialista que nos faz lembrar o indito Honorário da Co-ta; sigamos com atenção a sua carreira, que iniciou sob bons auspícios, se de facto for orientada em regime de especialização.

Faustino Guerreiro encerra a lista de citações; é o mais inexperiente de todos, mas deu provas satisfatórias e v-le a pena insistir no no seu aperfeiçoamento até à época próxima.

*

São campeões em 1943:
Estreantes, 83 m.: Coimbra, Helder Sousa (A. A.), 15, 4 s.

Principiantes, 83 m.: Lisboa, Faustino Guerreiro (Sp.), 12, 8 s.

Juniors, 83 m.: Nacional e Lisboa António Araújo (Sp.), respectivamente em 12,5 s. e 12,8; Pórtu, Georges d'Alexandry (Ac.), 13,4 s.; Coimbra, Helder Sousa (A. A.) 14,3 s.

Universitários, 110 m.: Lisboa, Fernando Ferreira (L. N. E. F.), 17,4 s.

Seniors, 110 m.: Nacional, António J. Pereira (Bel.) 16,4 s.; Lisboa, Fernando Ferreira (Bf.) 15,8 s.; Pórtu, Maurício Coutinho (Br.), 17,9 s.

400 m.: Nacional, António Araújo (Sp.) 1 m. 3,2 s.; Lisboa, Martins Vieira (Bf.), 1 m. 2,1 s.; Pórtu, José Couto (Ac.) 1 m. 3,9 s.

Lista dos melhores resultados portugueses:

110 metros: Álvaro Martins Vieira (Bf.), 15,7 s., 17-6-39; António José Pereira (Bel.), 15,8 s., 16-7-39; José Glória Alves (Bf.) 15,8 s., 24-8-41; Fernando Ferreira (Bf.) 15,8 s., 8-8-43; José Palhares Costa (Sp.), 16 s.; João Guimarães Marques (Sp.) 16,2 s.; Pedro Vasconcelos (Bf.) 16,3 s.; Paulo Soldanha Palhares (Ac.), António Castro Cabrita (Ac.), António Monteiro Martins (Sport), Guilherme Vasco-concelos (Int.), José Barbosa Lima (A. C. Br.) e José Araújo Vieira (S. C. Br.), todos em 16,4 s.

400 metros: Alfredo da Silveira (Int.) 21-7-29 e Fernando Matos Fernandes (Bf.) 1-8-42, ambos com 53,2 s.; Álvaro Martins Vieira (Bf.) 30-7-39, 59,2 s.; Guilherme Fragata (Bf.), 59,4 s.; Alberto Conceição Afonso (Bf.) 59,5 s.; José Palhares Costa (Sp.) 59,6 s.; António Madeira Calado (Sp.), 1 m. 0,3 s.; Fernando Rodrigues (Vil.) 1 m. 0,4 s.; José Couto (Ac.) 1 m. 1,1 s.; Francisco de Oliveira Bastos (Sp.) 1 m. 1,4 s.

«STADIUM» CUSTA QUINZE TOSTÓRES E VENDE-SE EM TÔDA A PARTE



V. GUIMARÃES OLHANENSE: Um instantâneo que "fala" da logosidade dos algarvios. O extremo esquerdo olhanense conduz uma avançada

a 1.ª jornada
em GUIMARÃES, TAPADINHA e no PORTO

V. GUIMARÃES-OLHANENSE: A disputa da bola a meio campo



Lemos e Alvarenga em luta pela posse da bola

F. C. PORTO-ACADÊMICA



O guarda-redes da Académica salva com oportunidade um quarto tento, que podia ter saído de um remate inesperado



ATLÉTICO-SALGUEIROS: A defesa portuense em apuros...



ATLÉTICO-SALGUEIROS: O "keeper" nor-tenho defende sob a protecção de um defesa



Como foi marcado o 2.º golo dos estudantes...

...e a jogada da qual resultou o 1.º ponto marcado pelos conimbricenses



O BALANÇO DE UMA ÉPOCA

por MÁRIO DE OLIVEIRA

O presente artigo destina-se em especial à indicação dos resultados e dos melhores valores afirmados em toda a temporada de provas no ar livre. Antes, porém, digamos, como introito rápido, que os melhores nadadores a apontar, no conjunto de todas as provas, são: entre as senhoras, Maria de Lourdes Bessone Basto, do Algués, que teve uma época brilhantíssima, ganhando quatro campeonatos nacionais e batendo um «récord» de Portugal e um nacional de categoria; no grupo dos homens, o mais regular e mais brilhante foi, sem dúvida, quanto a nós, Joaquim Baptista Pereira, do Alhndra. GANHOU os campeonatos de Portugal que lhe são habituais; estabeleceu um «récord» nacional de categoria; ganhou novamente a Travessia do Tejo; e triunfou em várias provas que normalmente não disputa — 100 e 200 metros livres e 100 metros de bruços, na primeira com o quarto melhor «tempo» da temporada, na segunda o segundo «tempo» da época e nos 100 metros bruços o próprio «máximo».

Por tudo isto, julgamos até de lamentar que não se inscrevesse na prova do «nadador completo», no festival do encerramento. R unia condições para conseguir um triunfo esplendido, que pode aliás tentar em qualquer altura, visto que o respectivo título não tem prazos ou datas reservadas. As provas do «nadador completo» são três — 100 metros livres, bruços e costas, com os seguintes máximos, respectivamente: 1 m. 15 s., 1 m. 32 s. e 1 m. 23 s. Joaquim Baptista Pereira conseguiu 1 m. 23 s. e 45 nos 100 metros livres e 1 m. 23 s. e 1/5 na prova de bruços. Bastaria fazer o máximo de 1 m. e 28 s. nos 100 metros de costas para completar 4 m., contra 4 m. 3 s. e 2/10 de Fernando Leal, do Algués. Joaquim Baptista Pereira tem já disputado provas de costas, em «crawl», e não teria dificuldade em fazer menos do que o máximo fixado para a corrida.

Anotemos, entretanto, outros nomes. Para as provas femininas, temos: Rosa Lopes, do Atlético, nas de bruços, com um campeonato de Portugal e vários «récords» de categoria; Ilda Raposo, do União de Coimbra, adversária valerosa nos 200 metros bruços; e Maria Isabel Costa, do Sport Coniubricense, com vários campeonatos regionais e um novo «récord» de Portugal. Foi pena que não pudesse comparecer no campeonato nacional, nos 100 metros costas. A luta entre ela e Maria de Lourdes Bessone Basto seria motivo de interesse para o público.

No grupo de meninas, merecem citação Lucilla Angeja, do Algués, vencedora dos três campeonatos da sua categoria. Em principiantes distinguiram-se Hety Hayman, do Estoril, e Ana Linheiro, do Belenenses.

Para as provas masculinas, devemos apontar os nomes de João José Mira Gomes, três vezes campeão de Portugal nas provas deste ano; Rodrigo Bessone Basto Júnior, o nadador do Algués que mais se destacou, em retorno de forma, com o qual há ainda a contar, figura de relêvo nos campeonatos nacionais; Júlio Mendes da Silva, novo titular do campeonato de Portugal dos 200 metros bruços; Jofre de Carvalho, do Alhndra, que só não vence provas por ter em Joaquim Baptista Pereira, do mesmo clube, um adversário imbatível para ele; Herculano Trovão, do S. A. D., bom nadador de velocidade; Cruz Cabral e Fernando Leal, do Algués, e Luís Lopes da Conceição, do Santa Clara, de Coimbra, o nadador da província que mais se salientou nos campeonatos nacionais, campeão regional de cinco provas e «récordman» regional de nove. Nos 100 metros livres fez o segundo «tempo» da época.

Embora sem haver atingido o primeiro plano, mas por ter ganho quasi todas as provas de mar e rio efectuadas no norte do país, devemos citar Acácio Agostinho da Costa, do Beira Mar, de Aveiro.

Mário Simas apenas disputou um campeonato regional, por ter saído para o estran-

Resultados, nomes e notas — Os melhores nadadores do ano; Maria de Lourdes Bessone Basto e Joaquim Baptista Pereira

geiro. Mesmo assim fez o melhor «tempo» nos 100 metros costas.

Seria mais difícil indicar todos os nomes que se fizeram notar nas provas de outras categorias. Apontamos, entretanto, Artur Mendes da Silva, com um novo «récord» de Portugal; Francisco Ribeiro Salgado, do Estoril Praia; Artur Malheiro da Silva, do Algués, Carlos Azevedo, do Estoril Praia, Joaquim Guerreiro Roque, individual, António Jardine Neto, do Algués, José Cabral Júnior, do Algués, e Celestino Soares, da Associação Académica de Coimbra, com dois «récords» regionais e com um dos melhores «tempos» nacionais nos 200 metros de bruços.

No grupo de infantis, há a indicar Guilherme Patrão, vencedor de duas das provas incluídas no programa dos campeonatos nacionais, já nadador de grandes recursos; G-nil Gonçalves, do Algués, vencedor da prova de bruços; e Luís Chalupa e Nuno Salvação Barreto, do Estoril. Registrados estes nomes, passamos à indicação dos melhores «tempos» nas provas de tipo clássico, em estilo e extensão, mas separando-os por provas femininas e masculinas, e apresentando, desde já, as nossas desculpas por qualquer lapso ou erro, sempre fácil em trabalhos desta ordem:

SENHORAS:

100 metros livres — 1 m. 20 s. ⁸/₁₀, Maria de Lourdes Bessone Basto (S. A. D.).

200 metros livres — 3 m. 28 s., Maria de Lourdes Bessone Basto (S. A. D.).

400 metros livres — 7 m. 38 s. ¹/₁₀, Maria de Lourdes Bessone Basto (S. A. D.); 7 m. 51 s. ²/₅, Maria Isabel Costa (S. C. C.).

100 metros bruços — 1 m. 44 s. ⁹/₁₀, Rosa Lopes (A. C. P.); 1 m. 45 s., Maria de Lourdes Bessone Basto (S. A. D.).

200 metros bruços — 3 m. 47 s. ²/₁₀, Rosa Lopes (A. C. P.); 3 m. 47 s. ¹/₁₀, Ilda Raposo (U. C. C.); 3 m. 49 s., Silvína Vieira Alves (S. A. D.); 3 m. 50 s., Hety Hayman (E. P.); 3 m. 55 s., Maria de Lourdes Bessone Basto (S. A. D.). Maria de Lourdes Bessone Basto venceu Silvína Vieira Alves no campeonato regional.

100 metros costas — 1 m. 33 s. ¹/₁₀, Maria de Lourdes Bessone Basto (S. A. D.); 1 m. 46 s. ¹/₅, Maria Isabel Costa (S. C. C.).

HOMENS:

100 metros livres — 1 m. 7 s. ²/₁₀, João José Mira Gomes (Individual); 1 m. 8 s. ¹/₅, Luís Lopes da Conceição (S. C. P.); 1 m. 8 s. ⁸/₁₀, Rodrigo Bessone Basto Júnior (S. A. D.); 1 m. 8 s. ¹/₅, Adelino Lebre (A. A. C.) e Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.); 1 m. 9 s. ²/₁₀, António Jardine Neto (S. A. D.), Júnior.

200 metros livres — 2 m. 34 s. ¹/₁₀, João José Mira Gomes (Ind.); 2 m. 39 s. ¹/₁₀, Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.); 2 m. 39 s. ¹/₁₀, Rodrigo Bessone Basto Júnior (S. A. D.); 2 m. 41 s. ¹/₅, Francisco Ribeiro Salgado (E. P.), principiante; 2 m. 41 s. ¹/₁₀, Herculano Trovão (S. A. D.).

400 metros livres — 5 m. 34 s. ²/₁₀, Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.); 5 m. 51 s., João José Mira Gomes (Ind.); 5 m. 58 s., Jofre de Carvalho (A. S. C.); 6 m. 1 s. ²/₁₀, António Jardine Neto (S. A. D.); 6 m. 2 s. ¹/₁₀, Rodrigo Bessone Basto Júnior.

António Jardine Neto era, ao tempo, nadador Júnior.

1500 metros livres — 22 m. 31 s., Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.); 23 m. 35 s. ¹/₁₀, Jofre de Carvalho (A. S. C.); 24 m. 27 s. ¹/₅, Luís Lopes da Conceição (S. C. C.); 24 m. 28 s. ¹/₁₀, Ribeiro Salgado (E. P.), principiante; 24 m. 44 s. ¹/₁₀, Acácio Agostinho da Costa (B. M.).

100 metros bruços — 1 m. 23 s. ¹/₅, Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.); 1 m. 25 s. ²/₁₀, Júlio Mendes da Silva (Ind.); 1 m. 27 s., Afonso

A CUDAM ao pugilismo! — é o título de uma série de artigos que um nosso camarada tem publicado no «Diário Popular». Referem-se eles a uma campanha pró-desenvolvimento do «boxing» entre os amadores. Têm propriedade e a propósito, porque apareceram em ocasião oportuna para agitar o meio. Mas surge outro problema — quanto mais não seja «um caso de consciência desportiva»... É o da ida frequente de «boxeurs» profissionais a Espanha, em condições que nada os recomendam; antes pelo contrário! Beni Levi, que entre nós tem brilhado com grande esplendor, não foi feliz nas suas duas saídas até Barcelona; e o mesmo sucedeu agora com Raúl de Oliveira e Agostinho Guedes. Querem melhor? Por nossa parte achamos bem que eles vão mostrar quanto valem — e alguma coisa valem... — mas também entendemos que estes «aventureros» podem ser-lhes prejudiciais, desde que a «disciplina» seja benévola. A este respeito, alguém nos dizia, com certo azedume: — *Afinal os nossos campeões só o são até à fronteira...*

H A algumas regiões onde existe o «privilegio» futebolístico de determinados clubes: em Lisboa, por exemplo, temos a «tal do trianvirato» com a coligação BSB; no Porto e em Coimbra, imperam o F. C. do Porto e a Associação Académica; na Covilhã é o Sporting; e em Vila Franca de Xira o Operário! Os outros, por mais que se esfaquem, não chegam lá... Pois em Vila Real também se dá o mesmo com o Sport, o único clube transmontano «autorizado» a ganhar o campeonato! E já o ganha pela 21.ª vez consecutiva!

F OI uma noite destas, no ginásio do Benfica. Ambiente de festa e de alegria, pois entregavam-se os prémios da última época da Associação de Atletismo. Até aqui tudo bem! Mas o que não está certo é o Benfica ter arrecadado o bôlo principal... Oito das taças! E então com respeito às medalhas foi uma chuva delas... Fizeram-se discursos em série (os portugueses sempre tiveram a mania de orar...) louvando-lhe-se um e os outros. As duas por três aquilo parecia (e era?) uma festa do Benfica! E até houve uma palestra — nunca o termo foi mais apropriado! — na qual o camarada Belo Redondo «larachou» à vontade, como é seu feitio, falando das bigodadas dos antigos, das manas Neves e de queijadas coisas que não estavam nadas a propósito. Desculpa-se-lhe tudo, pela intenção que teve de divertir o auditório. O Belo Redondo sempre assim foi...

N OS países onde ainda impera o regime monárquico, sempre que morre o rei, diz-se: — Morreu o rei! Viva o rei! Quero dizer, em bom português: — Rei morto, rei posto... Pois com o futebol sucede precisamente a mesma coisa: Acabou o futebol... Em síntese: acaba uma competição, venha outra... Parece até que sem futebol (o desporto rei, segundo oigo dizer por aí) não pode viver-se. E a verdade é que, aos domingos, em não havendo jogo, já tudo parece aborrecido! O futebol é a alegria de muita gente; mas também causa engulhos a alguns! E tantos vivem dele... Portanto: Viva o futebol!!!

PEDRO DE MONTALVO

Gonçalves (S. A. D.); 1 m. 27 s. ¹/₅, Edmundo Fragata (A. A. C.).

200 metros bruços — 3 m. 6 s., Júlio Mendes da Silva (Ind.); 3 m. 9 s. ⁸/₁₀, João da Silva Marques (U. F. C.); 3 m. 11 s., Celestino Soares (A. A. C.); 3 m. 13 s., Fernando Sacadura (S. A. D.); 3 m. 16 s., António Romãozinho (S. C. I.).

Júlio Mendes da Silva fez 3 m. 3 s. ²/₁₀ no campeonato regional de Lisboa, mas foi desclassificado, por não ter tocado com as duas mãos no topo da piscina.

100 metros costas — 1 m. 12 s. ²/₁₀, Mário Simas (Ind.); 1 m. 17 s. ⁹/₁₀, João José Mira Gomes (Ind.); 1 m. 19 s. ¹/₁₀, Artur Mendes da Silva (Ind.), no campeonato regional de juniores; 1 m. 20 s., Fernando Leal (S. A. D.); 1 m. 20 s. ⁹/₁₀, Joaquim Guerreiro Roque (Ind.), principiante.

Os campeonatos de ténis do Sporting

e a taça «Krusse Gomes» no «Clif»

CONCLUÍDOS que foram, há cerca de dois meses, os torneios internacionais de Cascais e Estoril, não se pensaria muito que, antes ainda de 1944, os tenistas lisboetas fossem chamados a competições.

E, afinal, o Sporting e o Internacional aproveitando — e muito bem — a circunstância de não haver defeso para o ténis, organizaram provas que nem por se efectuarem nesta quadra do ano deixaram de demonstrar bem o interesse dos praticantes da modalidade.

Por feliz acaso os moldes de disputa dessas provas não se repetiram. A dos «leões», sob a designação de «Campeonato do Sporting», foi individual; a do C. I. F., denominada «Taça Krusse Gomes», destina-se a equipas e principia hoje.

A iniciativa do «Campeonato do Sporting» merece algumas palavras. Os sportingistas, com excelentes condições para organizar provas, têm descurado um pouco esse aspecto da sua actividade. A sua realização surpreendeu-nos agradávelmente. De desejar que tenha continuidade o empreendimento a que os dirigentes da secção de ténis «leonina» meteram agora ombros.

O «Campeonato do Sporting» deve ter deixado satisfeitos os seus organizadores pelas preciosas indicações que lhes forneceu. As inscrições elevaram-se a 38 — 24 na 1.ª categoria e 14 na segunda — vendo-se, ao lado de nomes conhecidos, outros que aparecem agora. Se os encontros entre os primeiros têm interesse pela possibilidade de esclarecer dúvidas ou acirrar rivalidades... o embate entre os segundos desperta a curiosidade de uma revelação sempre desejada.

No momento em que estrevemos vão decorridas as duas primeiras jornadas da prova, a que correspondem outras tantas animadas reuniões. O campeonato de segunda categoria vai mais adiantado, estando já apurados os semi-finalistas: João Mendonça, António Romariz, Jaime Pereira e Almeida Rocha. O torneio de primeira categoria proporcionou uma série de bons encontros. Alguns dos resultados que se verificaram abom o comportamento dos novos, tornando mais saliente a fase de renovação que o ténis nacional atravessa. Fernando Frade v. Fortunato Levy, Carlos Costa v. Jaime Lobato, Melo e Silva v. Seabra Pinto, Jaime Quintana v. Mesquita e Carmo.

E se mais desfechos não enumeramos é porque entendemos que estes chegam para confirmação do que atrás dizemos. De resto, os resultados técnicos já são conhecidos.

A percentagem de jogadores novos nos oltares de final deixa supor que a prova vai ser rehididamente disputada.

Falemos, agora, do torneio da taça «Krusse Gomes».

O Internacional, que este mês vai festejar mais um ano de existência — o 41.º — parece apostado em accorrer às necessidades mais urgentes do ténis. Se dissermos que nos primeiros onze meses de 1943, apenas se efectuou uma competição inter-clubes, teremos posto claramente em evidência o desinteresse que se verifica por provas colectivas.

A iniciativa do C. I. F., por esta circunstância digna de aplausos, fica, porém, valorizada com um regulamento cuidadosamente elaborado, em que houve o desejo de pôr cobro a factos habituais no ténis e que seria conveniente eliminar.

A falta de regulamentação na orgânica do ténis tem permitido certas liberdades — que se não chegam a ser de condenar, são, pelo menos, lamentáveis...

O regulamento da taça «Krusse Gomes» provocou, por isso, certos reparos, mas, por fim, o bom senso triunfou e a compreensão de que se os organizadores exigiam condições também se obrigavam, pelo mesmo regulamento, a defender os interesses dos concorrentes, veio ao de cima.

SETÚBAL vai ter o seu Estádio Municipal?

A cidade do Sado está vivendo, desportivamente, uma das suas épocas de maior fulgor. A tarefa de reconstrução social do seu clube mais representativo, o velho Vitória, que tantas e tão fundas simpatias conta em Lisboa e noutras cidades do país, empreendida por um grupo de dedicados amigos da colectividade, tendo à frente o seu actual presidente, sr. Evaristo Pimentel, tem encontrado o ambiente propício ao seu completo êxito. A começar no amparo carinhoso das entidades oficiais e a acabar na «alma 100% vitoriana» dos atletas, qual deles o mais empenhado em fazer retornar a Setúbal um prestígio que outros não souberam ou não puderam acautelar, tudo se tem conjugado para que o Vitória reconquiste a posição que tantos louros lhe deu há uma dúzia de anos atrás.

A passagem do 33.º aniversário da simpática colectividade setubalense tinha de ser, assim, brilhantemente assinada. E foi.

A meio da última semana efectuou-se na sede do clube, agora completamente restaurada e aludada, a tradicional sessão solene, na qual estiveram presentes as entidades superiores do distrito e do concelho.

Três factos se revelaram de altíssima importância nesta festa: o discurso do sr. governador civil de Setúbal, que, mais do que a oração de uma autoridade presente por impetuoso dever de representante oficial, proferiu eloquente dissertação de um verdadeiro desportista; a hipótese da breve construção do estádio municipal de Setúbal, encarada pelo sr. presidente da Câmara; e, por último, o «vitorianismo» da assistência, computada em muitas centenas de pessoas — e mais não eram porque a sala mais não comportava.

Nenhuma dessas três coisas nos surpreendeu. Na palestra do sr. dr. Mario Madeira, que Setúbal inteira considera como um chefe do distrito verdadeiramente à altura das suas

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — No ginásio do Benfica, procedeu-se à distribuição dos prémios das provas organizadas na última época, pela Associação de Lisboa. Foram entregues 10 taças (6 ao Benfica, uma ao Atlético e outra ao Sporting) e 130 medalhas a atletas do Benfica (84), Sporting (33), Atlético (6), Balcanenos (3) e União Almadense (1).

BASKET-BALLS — Para encerramento das comemorações do seu 23.º aniversário, o Canaie Club realizou num alampio os seus últimos campeonatos, aos quais homenageou.

BOXING — Numa reunião celebrada na praça da toiros de Las Arenas, em Barcelona, Agostinho Guedes derrotou Isaac Ara, com quem perdeu por paragem do combate ao 6.º round. Na mesma sessão, Ferrer e Peter Kane puseram em jogo os seus títulos de campeões de Espanha dos levisísimos e dos médios, respectivamente, contra Luis Soria e Gonzalez: o primeiro ganhou por K-O técnico ao 10.º assalto e o último fez «match» nulo em 12 rounds.

Raul de Oliveira jogou também em Barcelona, mas outra reunião, sendo pôto K-O ao 4.º round, pelo espanhol Livera, que se fez de «spichour». Na mesma noite lutaram Gonzalez e Velasco (já conhecidos dos portugueses), que empataram.

CICLISMO — Os velocipedistas Avelino Pereira Calço e Ernani Ribeiro de Sousa concluíram com êxito a Volta a Portugal em «tandem».

O Mirantense distribuiu os prémios da «III Rampa do Vale de Santo António».

FUTEBOL — O autêntico internacional Manuel Soares Vasques, do Sporting, despede-se hoje da actividade desportiva com um festival, no Estádio do Lumiar, em que tomam parte os «teams» do Zarreirense-Luso do Barreiro e Benfica-Sporting.

Efectuou-se hoje, no Estoril, o almoço de homenagem aos jogadores de ténis que conquistaram os campeonatos de Lisboa em categorias de honra e reservas.

A meio da primeira volta do campeonato de Espanha, o Valencia e o Sevilla eram «leaders», seguidos de perto pelo Athletic Aviación, Barcelona e Castellón.

No estádio do Centenario, em Montevideo, o Nacional derrotou o Peñarol, por 3-1, diante de 6.000 pessoas, conquistando o título de campeão do Uruguai.

O Boca Juniores é o candidato ao título de campeão da Argentina, mas o River Plate segue-o de muito perto...

HIPISMO — Na última jornada das corridas de cavalos, levadas a efeito pela S. H. P. no Jockey Club, ficaram vencedores: Henrique Calado, no «Dize Tu», no «Abstract»; José Boias, no «Ósara»; e Frederico Inverno, no «Salambo».

Dos nove clubes convidados só quatro se inscreveram: Sporting Clube de Portugal, Sporting Clube de Oeiras, Clube Internacional de Ténis e Sport Algés e Dafundo.

O torneio começa hoje, com a efectivação da eliminatória entre os dois clubes indicados em último lugar. O vencedor defrontará o C.I.F.

A possibilidade da sua breve construção foi admitida pelo Presidente da Câmara da cidade, na sessão solene comemorativa do 33.º aniversário do VITÓRIA F. C.

necessidades e da categoria da cidade, patenteou-se o desportista ilustre, que já conhecíamos de tempos assás distantes mas que não tínhamos ainda olvidado. O sr. dr. Mario Madeira fez um apelo caloroso aos sócios do Vitória para que não desamparem o clube, ao tempo que distinguia a primeira categoria de futebol com um resgado elogio ao seu desportivismo, o qual, mais do que os «goals» marcados, lhe deu já ao título de campeão do distrito.

Também as afirmações do sr. dr. Pires de Lima, se encontraram eco no cor ção do Vitória, não consultaram surpresa para ninguém, conhecido como é que Setúbal tem no actual presidente do município o amigo que lhe faltava para levar por diante tanta obra urgente do que a cidade carece. Para já, prometeu o sr. dr. Pires de Lima auxiliar o Vitória nas urgentes reparações do campo dos Arcos, de molde a torná-lo capaz de satisfazer as necessidades mínimas como parque de jogos atéticos da cidade.

A alta temperatura do «vitorianismo» da assistência, que também já esperávamos, mostramos que o entusiasmo dos setubalenses pelo seu clube estava simplesmente adormecido. O «toque de unir» encontrou todos os vitorianos no seu posto e o «alerta» despertou-os para uma obra que é mister continuar, não só para a competente valorização de Setúbal como um dos primeiros centros do país, mas também para que o Vitória venha a ter um dia a consagração do seu denodado esforço a bem de uma causa, em que já leva consumidos trinta e três anos de trabalho e em que tantos dos seus pilares viram embranquecer-lhes os cabelos.

Admiradores de sempre do velho clube, os nossos votos e de «Stadium» só podem subentender-se como expressão viva do desejo das maiores prosperidades. Aqui os deixamos com toda a sinceridade.

REBELO DA SILVA

NOTAS... SEM VALOR

(Conclusão da pág. 10)

xões, Boavista e Académico, um «trio» de valor, com excelentes qualidades para defender o brío da sua região, nos jogos disputados em Vila Real.

— Repetiu-se a «cena», quasi identica à da época passada, no campo do Candal, num jogo da «ponte» da 2.ª Divisão. Não houve, portanto, de um lado, a maior compreensão da palavra Desporto. Dó a quem doer achando o prestígio em causa, a Associação de Futebol do Porto tem de castigar severamente os culpados.

NAUTICA — A Associação Naval de Lisboa vai abrir novas escolas de remo, destinadas a fomentar o interesse pela ótil e salutar modalidade desportiva.

TENIS DE MESA — Principiou a disputar-se o campeonato infantil de Lisboa, com a participação de cinco clubes: Internacional, Ateneu, Benfica, Sporting e Intendente. O primeiro é o vencedor, a meio da primeira volta.

O «Clif» vai fazer disputa a taça sj. Nunes dos Santos, no sistema da taça «Davis», em continuação das comemorações do seu 41.º aniversário.

TIRO AO ALVO — O portuense José Antunes Guimarães foi o vencedor absoluto da prova «Dr. António Martins», homenagem de F. N. T. P. ao sãdoso mestre de atiradores.

— A prova «Outono», do C. A. Campo de Ourique, foi ganha, individualmente, por João Nala, do Sporting, e colectivamente, pela equipa do Benfica.

XADREZ — O polaco Nadzderi ganhou um torneio, em Rosário, Argentina. O grande mestre internacional jogara recentemente 40 partidas simultaneas sem ver os tabuleiros, batendo assim o «recoed» mundial, que pertencia ao belga Koltawitch, com 24 jogos.

numa das meias finais; na outra encontrar-se-ão os dois Sportings.

Cada equipa é constituída por três pares-homens. Teremos, pelo menos, trinta jogadores em acção; mas estão inscritos quarenta e seis.

DRIVE

BELENENSES-SPORTING

Os "azuis", em pleno ataque! Franklin conduzia a bola; Cardoso desarmou-o e vai despachar em bom estilo; Manuel Marques cobre Quaresma — e Carlos Fontainhas, sorridente, parece satisfeito com o desenrolar da jogada...

(Nunes d'Almeida)



Stadium